



Adeus a Berlin — Christopher Isherwood
Agora é que são elas — Paulo Leminski
Almoço nu — William S. Burroughs
Amado meu — Pier Paolo Pasolini
Um artista da fome — A Construção — Franz Kafka
Um atirapalho no trabalho — John Lennon
Big sur — Jack Kerouac
Cartas na rua — Charles Bukowski
Concerto barroco — Alejo Carpentier
O coração das trevas — Joseph Conrad
Os destinos do Sr. Norris — Christopher Isherwood
Factotum — Charles Bukowski
Fogo fúrio — Pierre Drieu La Rochelle
Giacomo Joyce — James Joyce
O homem do castelo alto — Philip K. Dick
Havixé — Walter Benjamin
Junky — William S. Burroughs
Lenz — P. Schneider/G. Büchner
Manifestos do surrealismo — André Breton
Meninos da vida — Pier Paolo Pasolini
A metamorfose — Franz Kafka
Miss Corações Solitários — Nathanael West
Misto quente — Charles Bukowski
On the road — Pé na estrada — Jack Kerouac
Ópio — Jean Cocteau
Pergunte ao pó — John Fante
Prá cima com a viga, moçada e Seymour, uma introdução — J. D. Salinger
Sob os olhos do Ocidente — Joseph Conrad

Sol e aço — Yukio Mishima

Sonhos de Bunker Hill — John Fante
Os subterrâneos — Jack Kerouac
Teorema — Pier Paolo Pasolini
Vida sem fim — Lawrence Ferlinghetti



O amigo americano — Patricia Highsmith
A chave de vidro — Dashiell Hammett
Aire no pianista — David Goodis
A dama do lago — Raymond Chandler
Dupla indenização — James M. Cain
O falcão malês — Dashiell Hammett
O instituto — James M. Cain
O longo adeus — Raymond Chandler
A lua na sorjeta — David Goodis
Safra vermelha — Dashiell Hammett
O sono eterno — Raymond Chandler



Escritos pornográficos — Boris Vian
História de O — Pauline Réage
Minha mãe — Georges Bataille
Mulheres — Charles Bukowski
Para ser culpado — Paul Verlaine
O supermacho — Alfred Jarry

A sair:

O desaparecido — Franz Kafka
A imãzinha — Raymond Chandler
Tarântula — Bob Dylan

Petrônio

Satyricon

Indicação editorial, tradução
do latim e posfácio:
Paulo Leminski

brasiliense
B

1985

mos na entrada do quarto, Quartila espiando com olhar sacana pela porta entreaberta os folguedos libidinosos das duas crianças. Quartila me puxou pela mão para seu lado, e ficamos os dois, de rosto colado, assistindo a cena, e trocando uns beijos furtivos. Mas eu estava tão exausto da gula sexual da insaciável Quartila que tudo o que eu queria era dar o fora daquela casa o mais rápido possível, nem outra era a intenção de Ascilto, ansioso por se livrar das investidas de Psyche. E era o que teríamos feito sem demora, se Giton não estivesse lá no quarto, objeto da perversidade daquelas duas taradas. Estávamos pensando como, quando Pannychis cai do leito, arrastando Giton na queda, que não se machucou. Mas a garota bateu a cabeça ao cair e, ferida, começou a gritar. Quartila, apavorada, vai em seu socorro, e nós três aproveitamos a oportunidade e demos no pé em direção a nosso albergue. Ai, nos atraímos em nossas camas, e dormimos como três anjinhos o resto daquela noite.

Na manhã seguinte, ao sairmos, cruzamos com dois de nossos raptos. Ascilto caiu de pau em cima de um deles, que ficou no chão, todo arrebitado. Mas o outro se defendeu tão bem de nosso ataque que além de ter nos ferido de leve, ainda conseguiu escapar.

Aproximava-se o dia que esperávamos, o dia do magnífico banquete durante o qual Trimalcião ia libertar inúmeros dos seus escravos.

Mas estávamos tão machucados da luta que voltamos para nosso quarto e medicamos nossas chagas leves com vinho e azeite. E lá na calçada jazia estendido o raptor que tínhamos arrebitado de porrada, e a gente morrendo de medo de que nos reconhecessem como os agressores. Enquanto, tristes, deliberávamos que partido tomar para evitar a tempestade que pairava sobre nós, um escravo de Agamenon veio perguntar aos dois apavorados:

— Mas então vocês não sabem onde é a festa hoje? Vai ser na mansão de Trimalcião, o mais rico dos homens,

aquele que tem em seu salão de festas um relógio com um escravo ao lado, que toca uma trombeta a cada hora que passa, para que o magnata saiba, de hora em hora, quanto de vida está perdendo.

Assim, nos vestimos às pressas, esquecidos de nossas desgraças, e demos ordem a Giton, que nos servia de criado, para nos acompanhar até as termas, onde nos banharíamos.

XXVII

Vestidos com nossas melhores roupas, começamos a perambular pela cidade, meio sem destino, até que chegamos numa roda de gente que estava brincando algum jogo. Ai, de repente, vimos um velho carca, vestido com um manto vermelho, jogando bola com uns garotos de cabelos longos como de mulher.¹⁸ Mas não foram eles, e sim o respeitável senhor quem nos convidou a entrar na brincadeira, onde ele rebatia com uma raquete as bolas que um escravo ao lado lhe atirava de dentro de um cesto cheio delas. Outras coisas singulares chamaram nossa atenção. Num canto da roda, dois eunucos acompanhavam a cena, um com um urinol de prata na mão, o outro contando as bolas que os jogadores deixavam cair no chão.

Enquanto admirávamos estas coisas tão faustosas, vem Menelau e diz:

— Ai está o dono da festa de hoje. E se vocês ainda não sabem, a festa já começou.

Menelau ainda falava, quando Trimalcião estalou os dedos. A este sinal, um dos eunucos se aproximou com o

(18) "Inter pueros capillatos ludentem pila." Entre os romanos, os cabelos compridos eram próprios dos jovens escravos destinados aos prazeres sexuais dos seus senhores. (N. T.)

urinol de prata, onde o respeitável senhor esvaziou a bexiga. A seguir, despejaram água para ele lavar as mãos, que enxugou nos longos cabelos de um dos garotos que com ele jogavam bola.

XXVIII

Longo seria relatar cada coisa que nos aconteceu. E assim entramos no banho quente até que, cobertos de suor, passamos, de repente, para a água fria. Já esfregavam óleos perfumados em Trimalcião, não com panos de linho, mas com flanelas feitas com as lãs mais macias. Enquanto isso, três dos seus médicos massagistas bebiam diante dele seu melhor vinho Falerno. E como, brigando, derramasse taças de Falerno pelo chão, derramam à minha saúde, Trimalcião dizia. Nisso, envolvem-no numa capa escarlata e o carregam numa liteira, precedida por quatro escravos vestidos com trajes esplêndidos, e um carrinho com rodas,¹⁹ no qual conduziam o queridinho de Trimalcião, um garoto envelhecido precocemente, os olhos remelentos, mais horrendo que o próprio. Enquanto era conduzido, aproximasse um flautista, encosta-lhe a flauta no ouvido, como se lhe contasse um segredo, e assim prosseguiu ao longo de todo o caminho. Acompanhamos o séquito, já exaustos de tanta admiração, e com Agamenon chegamos à porta do palácio, onde a inscrição dizia:

QUALQUER. ESCRAVO.
QUE. SAIR. SEM. ORDEM. SUPERIOR.
RECEBERÁ. CEM. CHIBATADAS.

(19) *Chirmaxio*. Esta palavra, de origem grega, só se encontra em Petrônio. (N. T.)

Na entrada, estava o porteiro vestido de verde, cingindo uma faixa cor de cereja, amassando ervilhas numa vasilha de prata. No alto, uma gaiola de ouro onde um pássaro falante saudava cada pessoa que entrava.

Quanto a mim, pasmo de tudo, senti minhas pernas fraquejar. À esquerda de quem entrava, não longe do alojamento do porteiro, um cachorro enorme, preso na corrente, estava pintado na parede, com o letreiro em cima, em letras maiúsculas:

CUIDADO. CACHORRO BRAVO.

Meus acompanhantes morreram de rir do meu susto diante daquela fera. Já eu, recuperando o equilíbrio, contivei a examinar as pinturas da parede. Numa, via-se o próprio Trimalcião, num mercado de escravos, cetro na mão, cabelos ao vento, entrando em Roma, conduzido pela deusa Minerva. Mais além, a pintura representava Trimalcião tendo aulas de cálculo, depois sendo feito tesoureiro, tudo cenas que o pintor tinha tido o cuidado de esclarecer com legendas. Na extremidade deste pórtico, o deus Mercúrio levantava Trimalcião pelo queixo até um alto tribunal. Ao lado, a deusa Fortuna, cornucopiosamente abundante, e as três Parcas tecendo com fios de ouro. Notei também no pórtico uma multidão de escravos treinando corrida sob a direção de um mestre. Além disso, vi num ângulo da entrada um grande armário com nichos onde luziam as efígies em prata dos deuses Lares, uma estatueta de Vênus em mármore, e um estojo grande de ouro onde, diziam, estava a primeira barba de Trimalcião.

Comecei a perguntar ao porteiro qual era aquela pintura no meio de todas:

— A *Ilíada* e a *Odisseia* — ele respondeu —, e à esquerda é uma luta de gladiadores.

XXX

Não havia tempo para contemplar mais pinturas. Já chegávamos na sala do festim, na entrada da qual o chefe dos escravos tomava nota do nome dos convidados, e o que mais me admirou foi ver, no alto da porta da entrada, a imagem de feixes de varas coroados por machados, símbolos dos cônsules, e na parte de baixo uma espécie de esporão de navio feito de bronze, onde se lia:

A. CAIO. POMPEU.
TRIMALCIÃO. PLENI. POTENCIÁRIO.
DE. CINAMO. SEU. TESOUREIRO.

Sob esta inscrição, pendia uma lâmpada dupla suspensa do alto da sala, e duas tabuletas afixadas em cada asa da porta, das quais uma, se bem me lembro, trazia isto:

NA. PRIMEIRA. QUINZENA. DE. JANEIRO.
CAIO. NOSSO. SENHOR. CEIA. NA. CIDADE.

Uma outra trazia pintadas as imagens dos cursos da lua e os sete planetas, além de um registro dos dias próprios e dos dias nefastos em cores diferentes. Repletos de tantas maravilhas, íamos entrar na sala do banquete quando um escravo nos gritou:

— Com o pé direito!

Nem precisa dizer que caprichamos para que nenhum de nós entrasse desconforme ao preceito. Por fim, avançamos todos com o pé direito, quando um escravo, completamente nu, se atira a nossos pés, nos implorando que o livrássemos do castigo que o esperava. Nem sua falta era tão grave assim. Enquanto o tesoureiro se banhava, guardada de suas roupas, ele se distraiu e deixou que fossem roubadas. Mas elas valiam apenas dez sestércios, protestava. Demos um passo atrás, recolhendo o pé direito, e fomos

até o gabinete do tesoureiro, que contava dinheiro, e lhe pedimos que não punisse com rigor o servo faltoso.

Soberbo, ele levantou o rosto:

— Não é a importância que me irrita, mas a negligência desse imbecil. A veste que me roubaram era um traje de banquete que me foi dado por uma pessoa muito cara, pura fenícia, sem dúvida. Mas já tinha sido lavada uma vez. Enfim, não importa. Eu o perdoo do castigo.

XXXI

Comovidos com tanta clemência, quando entrávamos na sala do banquete, lá vem aquele mesmo servo, e, para nos agradecer o favor, nos cobre de beijos intensíssimos.

— Em suma — disse ele — agora verão que não fizemos favor a um ingrato. Eu sou o encarregado dos vinhos do nosso senhor.

Então, nos deitamos nos triclinios, quando escravos egípcios nos despejaram nas mãos água de neve derretida, outros nos pés, nos limpando as unhas com todas as sutilezas de hábeis manicures. Ao realizar esse ofício molesto, não ficaram em silêncio, mas cantavam. Perguntei se, naquela casa, todos os escravos só trabalhavam cantando, e mandei que enchessem minha taça, coisa que um escravo elegantíssimo fez num instante, cantando um ácido cântico, assim como faziam todos, quando lhe pediam alguma coisa. Você imaginaria estar no meio de um coral de pantomina, não na casa de um grande senhor. E lá vieram os pratos introdutórios daquele banquete magnífico. Todos já estavam reclinados em seus lugares, menos o próprio Trimalcião, a quem, contra o hábito, estava reservado o lugar de honra. Na baixela destinada às entradas, havia um burrinho de bronze, com uma bandeja contendo azeite, em parte pretas, em parte brancas. Nas costas do ani-

mal, havia dois pratos de prata em cujas margens lia-se o nome de Trimalcíão e o preço do metal da peça. Arcos em forma de ponte sustentavam arganazes assados, temperados com mel e papoula. Salsichas frígiam sobre uma pequena grelha de prata, e sob ela, cerejas do Oriente com grãos de granada.

XXXII

Nessas delícias estávamos, quando o próprio Trimalcíão, ao som de um coral magnífico, chegou transportado numa liteira e foi depositado num leito guarnecido de pequenas almofadas, coisa que foi motivo de riso aos menos prudentes.

Sua cabeça estava coberta por um manto púrpura, e sobre as pesadas vestes trazia um vasto guardanapo, cujas fimbrias lhe caíam de um lado e de outro. Trazia ainda no dedo mindinho da mão esquerda um grande anel de ouro puro, onde faiscavam pequenas estrelas de aço. E, para não deixar dúvidas sobre o imenso das suas riquezas, desnudou o braço direito, onde brilhava uma pulseira de ouro, com aplicações de um resplandecente marfim.

XXXIII

Com uma agulha de prata, começou a palitar os dentes, e disse:

— Amigos, ainda não era a hora que eu queria para vir sentar-me à mesa convosco, mas para não vos deixar esperando, abdiquei dos meus próprios prazeres. Será que tenho permissão para terminar o jogo que eu estava jogando?

Nisso, aproximou-se um jovem escravo com um tabu-

leiro da mais fina madeira de terebinto, e dados de cristal. Observei o detalhe sofisticadíssimo: em lugar de pedras brancas e pretas, peças de ouro e prata.

Enquanto jogava, comendo as pedras do adversário, a nós, convivas, foi servida uma cesta, sobre uma bandeja, onde se via uma galinha esculpida em madeira, de asas abertas, como fazem as galinhas quando vão botar ovos.

Aproximaram-se dois escravos e, ao som da música estridente, começaram a escarafunchar na palha atrás da galinha, apanhando os ovos de pavão, que começaram a distribuir entre os presentes.

Trimalcíão voltou o rosto para a cena:

— Amigos — ele disse —, mandei colocar em ovos de pavão debaixo dessa galinha. Mas não sei se já estão chocados ou não. Vamos experimentar se ainda estão comestíveis.

Apanhamos colheres que não pesavam menos que meia libra, e quebramos os ovos, recobertos com uma farinha, que imitava perfeitamente uma casca.

Quase joguei longe a parte que me cabia, pois julguei ver lá dentro um pinto se mexendo.

A seguir, ao escutar um velho conviva dizer “acho que aqui deve ter coisa boa!”, remexi dentro da casca e achei um raro pássaro, uma toutinegra bem gorda, cercada de gema de ovo com bastante pimenta.

XXXIV

Tendo interrompido seu jogo, Trimalcíão já se servia de todos os pratos que rodavam na sala, e demonstrava seu poder, anunciando, em voz alta, que podíamos tomar quanto vinho quiséssemos. O conjunto musical deu um sinal súbito, e inúmeros escravos, cantando em coro, recolheram os restos que tínhamos deixado. A seguir, em meio ao tumulto do festim, cai uma travessa de prata e um escri-

vo correu para levantá-la. Trimalcião ordena que o rapaz seja esbofetado no ato, e manda que a rica travessa seja de novo jogada no chão. A seguir, determina que venha um servente para varrer a rica travessa junto com toda a sujeira que já se acumulava no chão.

Nisso, entram dois negros etíopes, com vasta cabeleira, trazendo pequenos vasos com que se derrama água na areia do anfiteatro, e nos despejam vinho nas mãos. Água, nesta festa, nem pensar.

Louvado por tamanho requinte, Trimalcião:

— O deus Marte ama a justiça — disse, e mandou cada um dos convivas pegar uma mesa só para si.

— Assim ficaremos — disse — livres da aglomeração desses escravos fedorentos.

A seguir, trazem ânforas de cristal, com tampas de gesso, e uma etiqueta:

VINHO. FALERNO. CEM. ANOS.

Enquanto liamos as etiquetas, Trimalcião bateu palmas, e se lamentou:

— Ai, ai, ai, como o vinho vive mais do que o pobre homúnculo! Vamos encher a caveira. O vinho é vida. E esse aí é o verdadeiro Falerno. Ontem, não servi um tão bom, e os convivas eram gente bem mais fina que vocês.

Bebíamos, pois, admirando as magnificências que nos eram servidas, quando um escravo trouxe um esquelito de prata, tão bem articulado nas juntas que se mexia como se estivesse vivo.

O escravo fez o sinistro boneco fazer uma série de movimentos, quando Trimalcião começou a declamar:

Ai, ai, pobres de nós, mortais!

Como o fio da nossa vida é tênue!

Assim seremos nós depois dos funerais.

Vivamos pois, enquanto é tempo.

XXXV

A essa versalhada, seguiu-se um prato que não nos pareceu digno daquele banquete.

Uma novidade atraiu todos os olhares, um dispositivo redondo representando os doze signos do zodíaco, sobre o qual estavam acomodadas inúmeras iguarias, relacionadas com o signo.

Sobre Áries, ervilhas. Sobre Touro, carne de gado. Sobre Gêmeos, testículos e rins. Sobre Câncer, uma coroa. Sobre Leão, figos da África. Sobre Virgem, ovas de truta. Sobre Libra, uma balança que, num dos pratos, trazia um bolo e, no outro, uma torta. Sobre o Escorpião, um peixinho do mar. Sobre Sagitário, uma lebre. Sobre Capricórnio, uma lagosta. Sobre Aquário, um pato assado. Sobre Peixes, um salmão.²⁰

No meio deste globo, um suporte exibia um favo de mel.

Um escravo egípcio nos servia pão de um pequeno forno de prata, e com uma voz horrorosa cantava os louvores de não sei que infusão de vinho com uma planta misteriosa.

Tristes, íamos nos servir dessa comida miserável, quando Trimalcião disse:

— Por favor, vamos comer. É para isso que estamos aqui.

XXXVI

Isto disse, e, ao som da orquestra, quatro escravos saltitantes correram, e tiraram a parte de cima do globo.

(20) Esta extraordinária fantasia zodiacal de Petrónio, sozinha, merecia um ensaio só para deslindar seu labirinto de alusões, prodígio de analogias. (N. T.)

Feito isso, vimos abaixo, isto é, no outro compartimento, aves recheadas, peitinhos de leitão e, no meio, uma lebre ornada de asas figurando o cavalo Pégaso. Notamos também nos cantos do globo quatro sátiros, portando pequenas ostras donde corria um molho apimentado sobre os peixes que nadavam num pequeno aquíário. Aplaudimos todos esse refinamento, aplauso começado pelos escravos em volta, e, rindo, atacamos os pratos seletíssimos. Nem fez menos o próprio Trimalcião, contente com aquela proeza culinária:

— Corta! — ele gritou.

Na hora, avança um criado com uma faca e, sempre ao som da orquestra, começou a cortar as carnes, com a precisão com que um condutor de carros no estádio conduz sua biga ao som do órgão hidráulico.

Enquanto isso, Trimalcião dizia com lentíssima voz:

— Corta, corta!

Desconfiando que haveria talvez alguma sutileza nessa expressão tantas vezes repetida, não tive vergonha de perguntar ao meu vizinho de mesa sobre o sentido daquilo. Ele, que já tinha presenciado muitas vezes brincadeiras como aquela, me respondeu:

— Está vendo esse escravo que corta as carnes? Seu nome é “Corta”. Assim, cada vez que Trimalcião diz “Corta!”, ao mesmo tempo, com a mesma palavra, ele chama o escravo e manda-o fazer o que tem que fazer.

XXXVII

Não consegui degustar mais nada. E me voltando para aquele meu vizinho mais próximo comecei a puxar conversa, e disse querer saber quem era aquela mulher que não parava de ir pra lá e pra cá.

— É a mulher de Trimalcião, dona Monetária, bom nome, pois é ela que cuida de todo o dinheiro dele.

— E o que era antes de ser mulher dele?

— Era um tipo do qual você não queria nem receber um pão da mão dela. Não sei como nem por quê, mas depois que se casaram, ela é tudo²¹ para ele. Em suma, se ela disser a ele que está escuro ao meio-dia, ele acredita. Ele nem sabe quanta riqueza possui, de tão zilionário, mas essa governanta está por dentro de tudo e está por dentro de coisas que você nem imagina. Seca, sóbria, mulher dos bons conselhos, mas tem língua de cobra, uma vibora doméstica, quem ela ama, ama, quem não, não ama, e pronto. Trimalcião tem tantas propriedades que um vô de corvo não cobre num dia, e dinheiro que os juro só fazem multiplicar, mais dinheiro em seus cofres que qualquer pessoa que eu conheça. Você nunca viu tanto ouro. E escravos, nossa!, nossa!, nunca, pelos deuses!, imagino que só um décimo deles todos jamais viram seu senhor. Em suma, com ele, todo mundo dança conforme a música.²²

XXXVIII

O desgraçado não precisa comprar coisa alguma. Tudo lhe nasce em casa, lã, cera, pimenta e, se você quiser, até leite de pato. Em suma, se a lã que sua casa produzia estava de baixa qualidade, ele comprava carneiros de raça em Tarento para melhorar a lã. Para ter mel de primeira, mandou buscar abelhas na Grécia e as cruzou com os seus enxames domésticos. Um dia desses, mandou buscar na Índia sementes de cogumelos. E todas as suas mulas são

(21) *Ta panta*, “tudo”, em grego, no original. (N. T.)

(22) “*In rutae folium conjiciet*”, literalmente, “junta todos numa folha de arruda” (locução popular). (N. T.)

filhas de cavalos de sangue azul. Está vendo esses leitos todos? Não tem um só que não seja forrado de púrpura ou veludo escarlate. Isso é que é um sujeito feliz!

Quanto a esses escravos libertos que o cercam, seus antigos companheiros de servidão, não tenha pena deles. Vivem como príncipes. Está vendo aquele que ocupa o último dos últimos lugares nesta sala? Possui oitenta milhões de sestércios. Saiu do nada. Carregava lenha para viver. Mas como dizem (sei de ouvir dizer) roubou o chapéu de um incubo e achou um tesouro. Não invejo nada a ninguém, se foi um deus que lhe deu. Esse aí, por exemplo, ainda traz as marcas das bofetadas do seu senhor, mas não tem do que se queixar. Ainda há pouco mandou afixar sobre sua porta a inscrição:

CAIO. POMPEU. DIÓGENES.
ESTÁ. ALUGANDO. SEU. CUBÍCULO.
ACABA. DE. COMPRAR.
UMA. CASA.

Que dizer daquele lá, que ocupa um lugar entre os libertos? Leva um vidão! Não lhe reprovo haver multiplicado seus bens por dez, mas seus negócios saíram mal. Acho que ele não tem um cabelo na cabeça que lhe pertença realmente, não, é claro, pelos deuses!, que seja sua culpa, não há pessoa melhor neste mundo, acontece que outros libertos limparam tudo o que ele tinha e não tinha. Você sabe, quando a panela fica vazia e as coisas vão mal, os amigos caem fora.

— E que honestos negócios praticava para se encontrar assim como o vemos?

— Olha, ele era agente funerário. Jantava como um rei, javalis inteiros, massas e pastéis, aves, cervos, peixes e lebres. Corria mais vinho debaixo da mesa dele do que você tem na adega.

— Isso é uma ilusão, não é coisa humana.

— Quando viu que seus negócios iam de mal a pior, para que seus credores não imaginassem que ele estava à beira da falência, mandou afixar o seguinte anúncio:

JÚLIO. PRÓCULO.
VENDE. SEUS. BENS. SUPÉRFLUOS.

XXXIX

Tão doces fábulas interrompeu Trimalção, começava a ser servida a segunda parte do jantar e, animados pelo vinho, os convivas já começavam todos a conversar entre si. Nosso anfitrião, apoiado nos cotovelos:

— Vamos tomar todo o vinho que pudermos — ele disse. — É preciso fazer nadar os peixes que comemos. Vocês não acham que eu estou satisfeito com essa comida que acaba de nos ser servida, acham? Não conhecem as astúcias de Ulisses? Qual é a de vocês? Durante um jantar como este, é necessário discutir assuntos intelectuais. Descanse em paz a cinza do meu benfeitor!, aquele que quis que eu fosse um ser humano entre os seres humanos. Nenhuma novidade pode mais me espantar, assim, queridos, vou explicar os mistérios deste globo que vocês acabam de ver. Este céu, no qual doze deuses habitam, todo dia, muda de figura, e assim surge Áries. Assim, o carneiro. Assim, quem nasce sob este signo, possui sempre muitos rebanhos, muita lã, uma cabeça dura, testa despuadora, chifres agudos. Neste signo, nascem muitos intelectuais e arietinos.²³

Aplaudimos a agudez do nosso astrólogo, que acrescentou:

(23) "Scholastici et arietilli." A estupidez de Trimalção produz trocadilhos intraduzíveis. (N. T.)

— A seguir, o céu pertence ao Touro. Então, nascem as pessoas escoiceantes, os boiadeiros e os que pastam em geral. Sob Gêmeos, nascem os que se juntam aos pares, bois no arado, testículos do homem, gente que extrai seu prazer de ambos os lados. Sob Câncer, eu nasci, assim, me firmo sobre muitos pés, e muita coisa possuo no mar e na terra. Assim, sobre este signo, só mandei colocar uma coroa para não desfigurar meu horóscopo. Sob o signo de Leão, nascem os gulosos e mandões. Sob Virgem, as mulheres, os fugitivos e cativos. Sob Libra, os açougueiros, os perfumistas e todos os que vendem alguma coisa pesada na balança. Sob Escorpião, os envenenadores e os assassinos. Sob Sagitário, os estrábicos, que parecem estar olhando para a salada, quando estão de olho no toicinho. Sob Capricórnio, aqueles que trabalham tanto que ficam com calos tão duros quanto chifres. Sob Aquário, os donos de taberna e os paus-d'água. Sob o signo de Peixes, os cozinheiros e os professores de literatura. Assim gira o mundo, como uma pedra de moinho, sempre trazendo alguma desgraça nova, nascam os homens ou faleçam. Nem é sem razão que no meio esteja esse favo de mel, já que a Terra, nossa mãe, redonda como um ovo, ocupa o meio de todas as coisas, e tudo em si contém, como um favo.

XL

— Gênio!²⁴ exclamamos em uníssono, levantando as mãos para o céu e jurando que em todo o passado da Grécia nunca houve homem mais culto.

Nisso, chegaram criados e estenderam sobre nossos leitos tapetes onde estavam bordadas a agulha redes e todas as outras armas de caça.

(24) *Sophos*, em grego, no original. (N. T.)

Mal sabíamos onde colocar nossa admiração, quando um grande barulho se fez ouvir do lado de fora, e eis que cêes da Lacônia entram e começam a correr em volta das mesas. A seguir, trazem uma enorme travessa onde estava um javali enorme, com chapéu de liberto, de cujas presas pendiam dois cestinhos de folha de palmeira, um com tâmaras da África, outro com tâmaras da Síria. Leitõesinhos feitos de massa cercavam o animal para indicar que era um javali fêmea. Os leitõesinhos foram dados como brindes aos convivas, para levarem para casa. Desta vez, não foi o mesmo Corta que se apresentou para destrinchar o javali, mas um gigante barbudo, vestido de caçador, que, com um enorme facão, abriu no flanco do javali uma fenda onde saiu uma revogada de pássaros. Em vão, as aves voam pelo teto da sala tentando escapar. Aproximam-se servos com redes que as apanham uma a uma e as oferecem a cada um dos convivas, quando Trimalcião diz:

— Vejam só, esse monstro deve ter devorado todas as raízes da floresta.

A seguir, os criados vieram e distribuíram entre os presentes as tâmaras dos cestinhos que pendiam das presas do javali.

XLI

Enquanto isso tudo rolava, eu, que estava num lugar um pouco afastado do centro, me entreguei a diversas cogitações sobre esse javali, em cuja cabeça tinham colocado o chapéu dos libertos.²⁵

Depois que consumi todas as bobagens²⁶ de que mi-

(25) O ritual de alforria de um escravo, em Roma, incluía a imposição de um chapéu, o *pilleus*. (N. T.)

(26) *Buccolias*, palavra raríssima. (N. T.)

inha cabeça era capaz, me virei para o lado e, mais uma vez, consultei aquele vizinho de mesa, que tinha me servido de intérprete em tantos enigmas.

— Teu escravo poderia te explicar isso — ele falou. — Não há mistério, tudo está claríssimo. Este javali foi servido ontem no final do banquete, os convivas, repletos, nem o tocaram. Assim, devolveram-lhe a liberdade. E, assim, hoje, ele retorna como liberto.

Fiquei puto com a minha estupidez, e não perguntei mais nada, não fosse o cara pensar que eu nunca jantei em casa de gente bem.

Enquanto isso, um jovem escravo, bellissimo, coroadado com folhas de parreira, se atribuindo os nomes de Baco, Bromius, Lyaeus e Evius, dava a volta às mesas com uma cesta de uvas, que distribuía a todos, enquanto cantava com voz agudíssima os versos que seu senhor tinha com-posto.

A esse som, voltou-se Trimalcião:

— Dionísio — disse —, seja livre!²⁷

O escravo tirou o chapéu do javali e o colocou sobre a própria cabeça. Então, Trimalcião:

— Isso é que é ser um pai liberal!

Aplaudimos o belo trocadilho do nosso anfitrião e cada um da roda cobriu o belo escravo de beijos. Nesse momento, Trimalcião levantou para ir à latrina. Sua partida, nos livrando de sua tirania, liberou o papo geral.

Grita o primeiro, pedindo um cacho de uvas para o belo Baco:

— Um dia e nada é a mesma coisa. Você se vira, e já é noite. Nada melhor, portanto, do que passar direto da mesa para a cama. Não tomamos banhos frios nem quen-

(27) Em latim, "Liber esto!", trocadilho intraduzível, sendo que Liber é um dos nomes do deus do vinho, Dionísio, Baco, Bromius, Lyaeus e Evius. Seria ao mesmo tempo, "esteja livre" e "seja Baco". (N. T.)

tes, mas para que melhores cobertas do que o calor do Falerno?

Engoli várias taças, e logo estava louco de dar gosto, o cérebro encharcado de vinho.

XLII

Um tal Seleuco o interrompeu:

— Quanto a mim, não me lavo todo dia. Lavar é coisa de lavadeiras. A água tem dentes, e consome nosso corpo todo dia. Basta eu tomar um gole de vinho tinto com mel, e chamo o frio de verão. Aliás, nem podia me banhar hoje, vim de um funeral. Bela pessoa, o falecido Chrysanthus acaba de esticar as canelas. Ainda há pouco me chamava, me chamava. Parece que ainda estou falando com ele. Ai, ai!, somos uns odres cheios, valemos menos que moscas, que, pelo menos, têm algumas qualidades. Nós, nós não passamos de bolhas d'água. E veja, se ele não fosse abstinente e severo na alimentação? Cinco dias, não tomou uma gota d'água, uma migalha de pão, e se foi, assim mesmo. Quem o matou foram os muitos médicos, ou é porque tinha chegado sua hora. O médico é apenas um consolo para a alma. Mas morreu bem, caixão de primeira, flores de estação, roupas de gala, e as carpideiras choraram que era uma beleza. Libertou, no leito de morte, alguns escravos. Mas sua mulher, todo mundo viu, chorou apenas lágrimas de crocodilo. Por que isso? Ele sempre deu a ela do bom e do melhor. Mas sabe o que são as mulheres? Que nem gavião. É preciso não fazer nada para agradá-las. Seria como atirá-las dentro de um poço. Para elas, um amor antigo é um cárcere.

XLIII

Já Phileros proclamou:

— Lembraremos dos vivos. Ele teve tudo o que merecia. Viveu bem, melhor morreu. Pra que se queixar? Nasceu na merda, morreu nadando em ouro. Sua vida cresceu como cresce um favo de mel. Por Hércules!, deve ter deilhes dizer a verdade, porque não tenho papas na língua.²⁸ O falecido era um desbocado sem-educação, maledicente, a própria discórdia encarnada. Seu irmão era gente fina, começo de sua vida, deu um mau passo. Mas, na primeira vindima, começou a se aprumar. Vendeu seu vinho ao preço que bem quis. Andava de queixo erguido, tinha recebido uma herança modesta, e deixaria mais do que tinha recebido. E, contra seu irmão, o miserável não deixou seus bens a não sei qual desconhecido miserável? Realmente, para muito longe foge, quem dos seus foge. Imagine, tinha escravos como confidentes e conselheiros, eles o levaram a essa infâmia. Negociante algum anda bem, se acreditar no primeiro que aparecer. Mas não se pode dizer que ele tenha ido mal, já que ganhou, em vida, muito mais do que teria. Era um filho da deusa Fortuna, em suas mãos, o chumbo virava ouro. Mas tudo é fácil para aqueles que têm tanta sorte que até os quadrados, para ele, rolam. E quantos anos você pensa que ele tinha, quando passou desta para melhor? Setenta, e daí pra cima. Mas era rijo como um chifre, carregava muito bem a idade que tinha, cabelos todos pretos, como um corvo. Quando o conheci, anos atrás, era chegado numa sacanagem e, até velho, continuou sacana. Não, por Hércules, não há muitos como aque-

(28) "Qui linguam caninam comedi", literalmente, "comi a língua do cachorro", locução que significa "ser franco até a brutalidade". (N. T.)

le. Homem mulherengo, sabido como um filho da deusa Minerva. Não o reprovou. Foi tudo que ele levou para a cova.

XLIV

Isso disse Phileros, isto, Ganimedes:

— O que vocês estão falando não tem pé nem cabeça. A fome ronda em nossa volta. Não, por Hércules!, hoje, o dia inteiro, não consegui um pedaço de pão para comer. Sabem por quê? A seca prossegue. Faz um ano que eu passo fome. Malditos os vereadores que fazem lá seus pactos com os padeiros. Você livra a minha, que eu livro a sua, e o povo miúdo que se foda, enquanto as mandíbulas desses sanguessugas mastigam banquetes. Ah, se tivéssemos ainda entre nós aqueles homens fortes como leões, que encontrei aqui, quando vim da Ásia! Aquilo é que era viver. A Sicília estava seca, os campos sem uma gota d'água, como se Júpiter a tivesse amaldiçoado. Me lembro de Safinium, ele morava perto do aqueduto velho, eu, criança, ele, uma verdadeira fera.²⁹ Por onde ele passava, a terra tremia. Mas era gente fina, limpo, amigo do amigo, o tipo de gente com quem você pode tranquilamente jogar par ou impar no escuro. E no tribunal? Precisava vê-lo! Ele moía seus adversários. E não falava por esquemas, não. Dizia direto. Quando falava no tribunal, sua voz crescia como uma tuba que vai subindo de tom. Não suava, nem cuspiam. Tinha alguma coisa de asiático. E como era bem-educado! Cumprimmentava, lembrava do nome de todo mundo, como se fosse um de nós. Naquele tempo, não havia fome. Enquanto era edil, dois homens esfofados não conseguiam comer um pão que custava um centavo. Agora, por esse

(29) "Piper, non homo", literalmente, "pimenta, não homem", rodeio expressional superlativo, típico de Petrônio. (N. T.)

preço, você compra um pão do tamanho de um olho de boi. Ai, ai, ai, cada dia, pior! Esse país cresce que nem cauda de vaca, para baixo! E por que não? Temos um edili de meia pataca que dá mais valor a um centavo do que a nossa vida. Em casa, vive na maior abundância. Ganha num dia mais dinheiro do que você vai ganhar em toda a sua vida. Sei de uma negociata dele que, num dia, lhe rendeu mil denários de ouro. Se nós tivéssemos vergonha na cara, uma coisa dessas não acontecia. Mas agora o povo é assim, em casa, uns leões, na rua, rabo entre as pernas, como as raposas. Quanto a mim, já vendi todas as minhas roupas para poder comer e, se a seca perdurar, vou ter que vender a roupa do corpo. Que futuro nos aguarda, se nem os deuses nem os homens fizerem alguma coisa por nossa terra? Os deuses que me perdoem, mas acho que é a vontade dos céus. Hoje em dia, ninguém mais acredita em nada, ninguém observa os dias de jejum, ninguém está dando a mínima se existe um Júpiter ou não. Todos, olhos bem abertos, ficam contando seu dinheiro. Antigamente, as mulheres iam, descalças, cabelos soltos, um véu no rosto, a alma pura, para orar a Júpiter que mandasse chuva. Logo, chovia a cântaros, e todo mundo ficava com um sorriso de orelha a orelha. Assim era então, hoje, jamais. Como os ratos, os deuses caminham com os pés calçados em lã. E porque não temos mais fé nos céus que não chove mais nos campos.³⁰

XLV

— Por favor, vamos levantar o nível do papo — disse Echion, um esfarrapado. — Devagar, devagar — dizia o lavrador que tinha perdido um porco. — O que não for

(30) É quase inacreditável essa tirada de crítica social, voltada para o povo miúdo, numa literatura, como a romana, feita por e para a mais alta aristocracia. (N. T.)

hoje, vai ser amanhã, assim vai a vida. Não, por Hércules!, este país iria melhor, se fosse habitado por homens melhores. Agora, ele sofre. Não só ele. Não vamos ter papas na língua. O céu nasce para todos. Se você morasse em outro país, você diria que aqui os leões passeiam cozidos. Não tiramos ter, em três dias, um espetáculo magnífico, um combate, não de simples gladiadores, mas com inúmeros libertos? Titus, meu senhor, tem a alma grande, uma cabeça esquentada, para ele, ou é isso, ou aquilo. Conheço ele bem, afinal, é meu senhor. Não é de brincadeira.³¹ Com ele, é ferro puro, sem direito a fuga. No anfiteatro, vai ser uma carnificina linda de se ver. E ele tem recursos para isso. Ao morrer, seu pai lhe deixou três milhões de sestércios. Que gaste quatrocentos mil. Nem arranha sua fortuna. E deixa uma fama para sempre. Ele tem uns cavalos gauleses e uma mulher condutora de bigas para abrilhantar o espetáculo. Contratou a seu serviço o administrador de Glycon, que foi despedido, quando o patrão o encontrou comendo a mulher do próprio. Todos vão rir, uns tomando o partido dos amantes, outros, do marido traído. Glycon mandou atrair o administrador às feras, ele, que não vale um níquel. Isso é se entregar ao ridículo público. Em que peçou o escravo, que teve que fazer o que fez? A vagabunda é que merecia ser atirada às feras, não acha?

Mas quem não pode bater no burro, bate na canga. E, afinal, o que é que Glycon esperava de bom da filha de Hermógenes? Aquilo nunca foi flor que se cheire. Ele que tirasse o cavalo da chuva.³² A cobra não dá à luz minhocas. Glycon expôs a cara, enquanto viver vai ficar a marca, quem sabe se o inferno vai conseguir apagá-la. Mas cada um peca seu próprio pecado. E já sinto até o cheirinho do

(31) "Non est mixcix", no original, palavra que só se encontra em Petrônio, a não ser que seja erro dos manuscritos que nos chegaram. (N. T.)

(32) "Ille milvo volanti poterat ungues resicare", literalmente, "era melhor que tentasse cortar as unhas de um gavião no voo". (N. T.)

festim que vai nos dar Maméia, duas moedas de ouro, para mim e para os meus. Se ele fizer isso, vai fazer muito mais do que fez Norbano. É desse lado que sopra o vento. E, pensando bem, que nos deu esse tal Norbano? Um miserável de um jogo de gladiadores tão decrepitos que qualquer um derrubava com um sopro. Já vi melhores gladiadores lutando à noite, à luz de tochas. Onde você esperava galos, galinhas. Um gordo, que mal conseguia se arrastar. Um manco, que fazia dó. O que substituiu o que tinha sido morto, tinha os tendões cortados, como um prisioneiro de guerra. O único que ainda mostrou algum serviço era um trácio, que, no final, mostrou que estava numa jogada ensaiada. Em suma, um bando de covardes mentirosos, que estavam ali só para enganar a platéia. Com tudo isso, Norbano ainda disse:

— Ofereci um espetáculo e tanto. Faça os cálculos. Dei mais do que recebi. Uma mão lava a outra.³³

XLVI

Parece que estou vendo você, Agamenon, dizendo:

— O que é que esse chato está dizendo?

Por que você, que fala tão bem, não diz nada? Você, já sei, não é da nossa faixa, e você ri dessas palavras de pobre. Todo mundo sabe que você é muito vaidoso da sua cultura. E daí? Qualquer dia desses, vou te convencer a vir visitar nossa aldeia e ver nossas casinhas. Vai ter alguma coisa pra comer, um frango, uns ovos. Vamos passar bem, embora o tempo este ano não tenha estado dos melhores. A gente vai achar um jeito de encher a barriga. Aliás, até vou te apresentar meu pequeno Cícero, teu futuro discípulo.

(33) A fala de Echion é toda feita de provérbios, adágios e aenxins, a modos da portuguesa *Comédia Eufrosina*, de Jorge de Vasconcelos. (N. T.)

O, ele já sabe dizer quais são as quatro partes da oração. Se se criar, você vai ter ao seu lado um pequeno escravo do teu saber. É só ele ter um momento de lazer, e não tira os olhos do livro. Garoto esperto, bom filho, ele, embora tenha essa mania de ficar caçando passarinho, para botar na gaiola. Já matei uns três dos passarinhos dele, e disse que foi o gato. Mas ele continua montando suas arapucas. Já faz até versinhos, o bandido. Não acha mais graça em estudar grego, e estuda a língua latina com muito gosto, embora seu professor nessa matéria deixe muito a desejar. É um homem culto, mas não gosta de trabalhar. Tem também um outro professor, não tão preparado, mas mais atento, tanto que ensina mais do que sabe. Vem normalmente lá em casa em dias feriados e fica contente com qualquer pagamento que eu lhe dou. Comprei, há pouco, uns livros de Direito para o garoto, que eu quero que ele administre, um dia, nossa casa. Al, sim, está um ganhapião. De literatura, ele já está com a cabeça mais que cheia. O que eu quero, é que ele encare alguma profissão séria, barbeiro, escrivão público, ou pelo menos, advogado, uma coisa, enfim, que só a morte possa lhe tirar.

Assim lhe digo, todo dia:

— Meu filho, escuta o que eu te digo, o que você aprender, é pra você mesmo que você aprendeu. Olha o advogado Phileros, se não tivesse estudado, hoje, estava morrendo de fome. Antontem, ontem, carregava lenha nas costas. Hoje, é quase tão rico quanto Norbano. As letras são um tesouro. E uma profissão nunca morre.

XLVII

As fábulas ainda vibravam no ar, quando eis que volta Trimalcião e, enxugando a testa, lavou as mãos com unguentos, e disse, depois de um silêncio:

— Não levem a mal, meus amigos, há dias que não consigo cagar direito, e os médicos não sabem o que dizer. Mas acabo de tomar uma infusão de casca de granada no vinagre. Espero que assim minha barriga tome vergonha. Se não der certo, vocês me ouvirão peidar, como se um touro mugisse. Aliás, se algum de vocês tiver o mesmo problema, nada de acanhamentos. Ninguém é perfeito. Acredito que não há tormento igual ao de não poder cagar. Nem o próprio Júpiter poderia nos impedir disso. Você está rindo, minha cara Monetária, você que não me deixa dormir de noite de tanto que peida! Jamais impedi meus convidados de peidar, de cagar ou de mijar. Os médicos dizem que se deve fazer o que se tem vontade. Se alguém tiver alguma necessidade urgente, ali fora tem água, privada, panos, e tudo o que é preciso. Quando os vapores do corpo chegam no cérebro, o corpo todo se ressent. Já vi gente morrer, por não querer cagar.

Agradecemos a gentileza e a indulgência do nosso anfitrião, e, a seguir, quase morremos de rir, de tanto retermos o riso. Nem imaginávamos que mal estávamos no meio daquele festim inacreditável. Logo, tiradas as mesas, ao som da orquestra, três porcos brancos foram trazidos diante de nós, com uma argola no focinho e sinetas no pescoço. O escravo que os conduzia nos disse que um deles tinha dois anos, o outro três, e o outro já era velho. Imaginei que eram esses porcos treinados de circo e que, logo, iam fazer, diante de nós, algumas acrobacias.

Trimalcião dissipou as dúvidas:

— Qual deles vocês querem comer? Camponeses matam, na hora, galinhas, faisões e outros bichos, e os cozinham. Meus cozinheiros matam e cozinham bois, na hora. Chamou o cozinheiro e, sem esperar nossa escolha, mandou matar o porco mais velho. E com a voz mais aguda:

— Cozinheiro, a qual grupo você pertence?

— Grupo quarenta, meu senhor.

— Comprado ou nascido na casa?
— Nenhum dos dois, senhor. Pansa me deixou em testamento.
— Então, capricha, senão te mando para a turma que limpa privadas.
O cozinheiro, ouvindo a voz da autoridade, mais que depressa, levou o porco para a cozinha.

XLVIII

Então, Trimalcião lançou até nós um olhar benigno:

— Esse vinho, se vocês não gostam, mando servir outro. Mas mostrem que vocês estão à altura dele. Graças aos deuses, tudo isso que vocês estão saboreando, eu não comprou, mas se produz em minhas propriedades, algumas que eu nem cheguei a conhecer ainda, umas terras nos arredores de Tarracina e Tarento. Gostaria muito de comprar umas terras que me faltam entre esta parte e a Sicília para, quando eu quiser ir à África, eu possa viajar sem sair das minhas propriedades. Mas, diga aí, meu caro Agamenon, qual foi o discurso que proferiste hoje? Eu, se não faço discursos no tribunal, tenho cá comigo minhas letras. E, para você ver que nunca perdi o gosto por livros, saiba que tenho três bibliotecas, uma só de obras em grego, e duas latinas. Diga pois, se você me tem amor, um resumo da sua arenga de hoje.

Mal Agamenon tinha começado:

— O pobre e o rico eram inimigos... — quando Trimalcião o interrompeu:

— O que é um pobre?

— Brilhante pergunta — lisonjeou Agamenon, e começou a expor os termos da contravérsia que tinha conduzido aquele dia.

Na hora, Trimalcião:

— Se é um fato real, não é assunto para controvérsia. E, se não é um fato real, não é coisa alguma.

Todos aplaudimos entusiasmados a genialidade da observação, e Trimalcião prosseguiu:

— Meu caro Agamenon, lembra dos doze trabalhos de Hércules? E a história de Ulisses, aquele trecho em que o ciclope lhe arrancou o polegar com uma varinha? Ah, quando eu era criança, eu lia essas coisas todas em Homero. E vi com meus próprios olhos a sibila de Cumas suspensa dentro de uma ampola, e quando as crianças perguntavam a ela:

— Sibila, que queres?

Ela respondia:

— Eu quero morrer.³⁴

XLIX

Trimalcião mal acabava de falar seu bando de asneiras, quando foi servida uma travessa com um enorme porco.

Ficamos admirados da velocidade dos cozinheiros que assaram um porco mais rapidamente do que a gente cozinha uma galinha. E nos espantamos de que o porco fosse ainda maior do que o javali que nos tinham servido há pouco.

Mas Trimalcião, de repente, olhando bem o porco:

— Mas o que é isso? Não tiraram as entranhas do animal? Me chamem, chamem já o cozinheiro!

O cozinheiro, angustiado, foi trazido e confessou que tinha esquecido de destripar o porco.

(34) No original, a pergunta das crianças e a resposta da Sibila estão em grego. (N. T.)

— Esqueceu? — gritou Trimalcião. — Quem ouve, tem a impressão de que você está dizendo que esqueceu de colocar pimenta e cominho. Abaixa a roupa!

Não demorou, e o pobre cozinheiro estava nu e entre dois escravos torturadores.

Começamos todos a implorar clemência para com o coltado:

— Isso acontece — dizíamos. — Por favor, perdoa. Se ele errar de novo, não pediremos mais clemência.

Eu fiquei possuído de uma crudelíssima severidade, e me inclinei no ouvido de Agamenon:

— Com franqueza, esse deve ser o mais imbecil dos escravos. Onde é que já se viu esquecer de tirar as tripas de um porco? Não, por Hércules! Não o perdoaria, nem se esquecesse de limpar as tripas de um peixe.

Mas Trimalcião, abrindo o rosto num sorriso, concluiu:

— Vamos, vamos, cozinheiro, já que tens tão má memória, abre e destincha o porco diante de nós.

O cozinheiro recebeu sua túnica de volta, pegou o facão e começou a abrir, aqui e ali, com mão tímida, a barriga do porco. Não demorou, puxadas por seu próprio peso, começaram a cair, de dentro da barriga do porco, chouriços e linguças em profusão.

L

Automaticamente, depois desta divertida brincadeira, os escravos na sala começaram a aplaudir e a gritar, “Viva Caio!”. O cozinheiro teve a honra de beber em nossa presença, ganhou uma coroa de prata e bebeu numa taça de bronze de Corinto.

Agamenon examinou cuidadosamente a taça, e Trimalcião disse:

— Sou a única pessoa que possui taças com o verdadeiro bronze de Corinto.

Esperai que dissesse que, em Corinto, faziam taças de bronze só para ele. Mas ele disse mais:

— Quem sabe, talvez, perguntem por que só eu posuo taças de Corinto. É que o ourives que me fornece essas taças se chama Corinto. E que de mais coríntio que uma taça feita por alguém chamado Corinto?³⁵

Mas não pensem — prosseguiu Trimalcião — que sou um ignorante, sei muito bem quando surgiram os primeiros vasilhames coríntios. Após a queda de Tróia, Aníbal, general esperto, ladrão como ele só, capturou todas as estátuas de ouro, de prata e de bronze que pôde achar, amontou-as numa fogueira, e mandou tocar fogo. Dessa miscelânea, nasceu o metal que chamamos coríntio. Dessa massa, os artesãos fizeram pratos, bacias e estatuetas. Assim nasceu o coríntio, nem ouro, nem prata, nem bronze, tudo junto. Mas ouçam o que eu digo: preferia só ter objetos de vidro, alguns não gostam. Se não quebrasse tão fácil, eu o preferiria ao próprio ouro. Frágil do jeito que é, é uma porcaria.

LI

Uma vez, um artesão fez um vaso de vidro que não quebrava. Foi admitido na presença de César com seu presente. A seguir, apanhando-o das mãos do imperador, atirou-o no chão. César não podia ficar mais perplexo. Mas ele apanhou o vaso do chão. Tinha só uma pequena marca, como se fosse feito de bronze. Então, o artista tirou um martelinho da sacola e, com toda a calma, corrigiu a mar-

(35) Jogo de palavras entre o nome da cidade grega de Corinto e um escravo chamado Corinto. (N. T.)

ca. Feito isso, o artesão julgou ter herdado o céu de Júpiter, já que o imperador lhe perguntava:

— Além de você, quem mais sabe o segredo de fazer vidro inquebrável?

— Só eu, majestade.

— Guardas! Cortem-lhe a cabeça. Se esse segredo se espalhar, ouro e merda vão ser a mesma coisa.

LII

— Meu negócio são objetos de prata. De prata, tenho vasos do tamanho de uma urna, mais ou menos. Neles, o cinzel gravou Cassandra degolando seus filhos, os cadáveres das crianças tão bem cinzelados que vocês diriam estar vendo a cena. Tenho um jarro de prata que o célebre Mys deixou para o meu senhor, nele, se vê Dédalo aprisionando Níobe dentro do cavalo de Tróia.³⁶

Tenho, ainda, taças representando a luta entre Hermeros e Petracis, tudo coisa de muito valor, aliás, coisas que me são caras, não vendo por dinheiro algum.

Enquanto dizia essas coisas, um criado deixou cair um cálice.

— Você! Açoite-se você mesmo, para deixar de ser imbecil.

O pobre coitado abriu a boca, balbuciando, para implorar clemência.

Mas Trimalcião:

— O que é que você está me pedindo? Faço isso só para que você tenha mais cuidado no serviço.

Mas, dobrando-se a nossas súplicas, Trimalcião pediu o rapaz.

(36) A cultura *nouveau riche* de Trimalcião é um verdadeiro "samba do crioulo doido". (N. T.)

Assim que o coitado saiu, Trimalcião começou a correr em volta das mesas, gritando:

— Chega de água! Chega de água! Mais vinho! Só vinho!

Aplaudimos com alegria essa tirada de humor de nosso anfitrião, sobretudo Agamenon, que sabia como fazer para ser convidado à mesa de Trimalcião.

Coberto de elogios, Trimalcião voltou a beber. E já meio bêbado:

— Nenhum de vocês convida minha cara Monetária a dançar? Olha que pouca gente dança como ela!

E ei-lo, braços levantados, imitando os gestos do bufão Syros, enquanto toda a escravaria gritava:

— Meu Deus, é lindo, meu Deus, que maravilha!³⁷ E teria saído dançando pela sala, se dona Monetária não lhe tivesse sussurrado no ouvido, certamente, que tal comportamento era indigno de um personagem de tanta importância. Nada mais insólito que seu humor. Ora, fazia o que a mulher lhe dizia. Ora, retornava à sua verdadeira natureza.

LIII

O impulso dançarino de Trimalcião foi interrompido pela entrada de um escrivo que, como se lesse os altos feitos de Roma, começou:

— No dia 7 das calendas de julho, nasceram nos domínios de Cumas, pertencentes a Trimalcião, trinta meninos e quarenta meninas. Das grânjas aos celeiros, foram transportados quinhentos mil módios de trigo. Nasceram quinhentos bois. Nesse dia, o escravo Mitridates foi crucificado por ter amaldiçoado a alma do nosso senhor. Nesse

dia, ainda, foram recolhidos à caixa, sem aplicação, dez milhões de sestércios. Nesse dia, aconteceu um incêndio nos jardins de Pompéia, saído da fazenda Nasta:

— Como?! — exclamou Trimalcião. — Desde quando sou dono dos jardins de Pompéia?

— Desde o ano passado, senhor. Mas ainda não tinham entrado na contabilidade geral.

Trimalcião ficou uma fera:

— Proíbo terminantemente que me adquiram propriedades sem me avisar com seis meses de antecedência.

Então, o escrivo recitou as leis municipais recentes, e os testamentos, onde Trimalcião não constava como beneficiário. A seguir, a lista dos nomes dos administradores das fazendas e grânjas. E a história de uma liberta, repudiada pelo administrador geral, por ter sido surpreendida nos braços de um rapaz encarregado dos banhos. Expli-cava-se por que razões um administrador tinha sido exilado para Baías. Um tesoureiro tinha desviado dinheiro. E várias intrigas entre a escravaria miúda.

Nesse ponto, entraram os malabaristas. Um deles, um tipo muito sem graça, levantou uma escada e mandou um garoto subir nela e, na parte mais alta, dançar e cantar, depois, atravessar rodas de fogo e sustentar ânforas nos dentes. Só Trimalcião se divertia com isso, lamentando que uma arte tão difícil fosse tão mal recompensada. A seguir, declarou que só havia dois tipos de espetáculos que ele admirava, malabaristas e acrobatas. Quanto a todos os outros animais e palhaços, isso tudo era bobagem.

— Uma vez — disse — comprei um grupo de atores para me representar apenas comédias romanas, nada de grego. E dei ordens a meu chefe de orquestra de só tocar canções latinas.

(37) Em grego, no original. (N. T.)